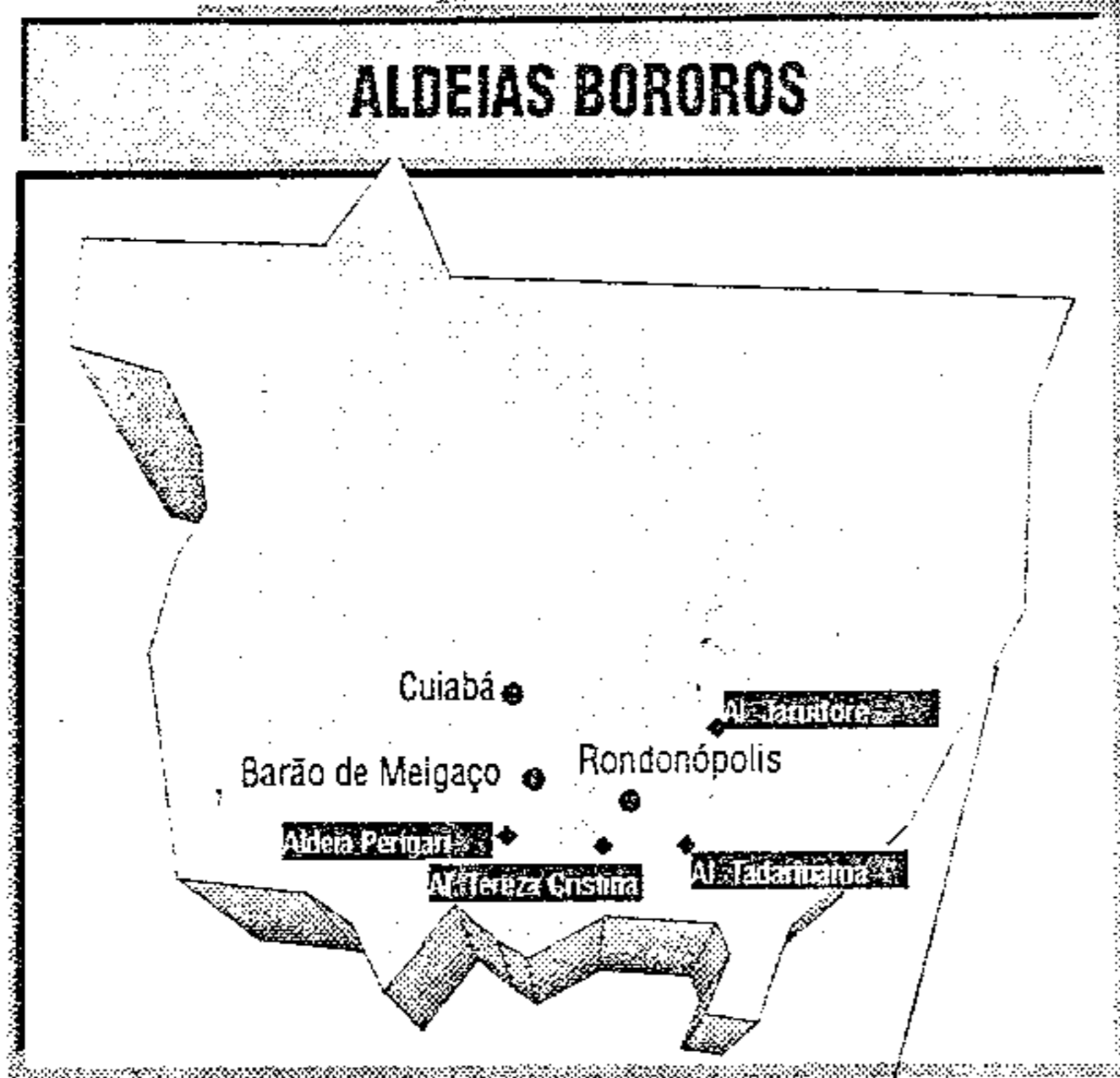


HISTÓRIA

Os verdadeiros cuiabanos

Quem eram e onde vivem hoje os índios bororos que habitavam a área onde hoje se situa a capital de Mato Grosso



Maria de Fátima Roberto Machado, professora da UFMT

ALECY ALVES
Da reportagem

Não há nenhuma pesquisa específica, mas a maioria dos livros editados sobre Cuiabá mostram que não se valoriza a história dos verdadeiros donos das terras cuiabanas. Que pouco se conhece ou se divulga sobre os índios Bororos, que até os primeiros 15 anos do século XVII eram os únicos habitantes da região que hoje é o município de Cuiabá. Poucas vezes os Bororos são lembrados pelos historiadores, exceto em livros escritos por especialistas e apaixonados pela questão indígena.

O povo Bororo, que foi escravizados por colonizadores e expulsos de sua terras, em alguns livros são citados como empecilho às descobertas dos bandeirantes. Hoje a população Bororo se resume a 900 índios, divididos em quatro pequenas reservas (se comparadas a área que antes ocupavam).

Entre os municípios de Santo Antonio do Leverger e Barão de Meigaço se localiza a reserva Perigari. Na região de Rondonópolis estão as reservas Tereza Cristina e Tadarinana, e perto de Guiratinga a Jarudore.

Além da falta de perspectivas econômicas e de frequentes tentativas de invasão - algumas bem sucedidas - de suas reservas por

homens brancos sedentos de riqueza, os Bororos enfrentam uma série de problemas. A falta de assistência médica e o alcoolismo são os maiores. Pesquisa do Conselho Indigenista Missionários-Cimi, constatou alto índice de alcoolismo entre os Bororos.

A difícil vida e a falta de perspectivas nas aldeias obrigaram muitos índios a migrar para as cidades. Eles vieram acreditavam que poderiam contar com melhores serviços médicos, condições para estudar, emprego e, conseqüentemente, renda com a qual ajudariam o povo Bororo.

A professora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT, Maria de Fátima Roberto Machado, que há anos estuda o comportamento de índios que moram na cidade, chegou a conclusão que por causa do preconceito, com o tempo os índios e seus descendentes passaram a esconder suas origens.

Fátima acha que a sociedade deveria reconhecer o valor e a cultura indígena para que índios e seus descendentes que vivem nas cidades pudessem reconstruir sua memória. A professora está certa de que se houvesse reconhecimento os índios resgatariam e cultuavam, mesmo na cidade, parte de sua cultura e costumes.

DIÁRIO DE CUIABÁ
CUIABÁ - MT

LUX JORNAL

369 (190) 22

41

Índio bororo reclama de discriminação

Da reportagem

Jl. Siouira/DC

Há sete anos o bororo Edmundo Iwodo Mugureu, 24, que nasceu na reserva Perigara, situada no município de Barão de Melgaço, às margens do rio São Lourenço, migrou para a cidade com o sonho de se formar em um curso superior na área de saúde e retomar para dar assistência a seu povo. Em Rondonópolis, onde já chegou alfabetizado, Edmundo estudou até a 8ª série e depois se mudou para Cuiabá.

Casou-se com a professora cuiabana Luiza Rodrigues de Oliveira, que trabalha para a Funai na alfabetização de índios, com quem tem um filho de quatro anos. Como teria de trabalhar, Edmundo acabou não continuando os estudos. Fez um curso técnico de segurança e passou a trabalhar como vigia.

"Parece que acham que índio não é capaz de fazer determinados serviços", reclamou, lembrando que antes de fazer esse curso não conseguia emprego. E mesmo depois, por diversas vezes Edmundo ia procurar emprego na companhia de colegas com os quais concluiu o curso de segurança e só ouvia não como resposta.

"Todos conseguiram. Mas eu, ao ser cadastrado e revelar minha origem era sempre dispensado ou diziam que iam me chamar depois", reclama. "Só consegui esse emprego porque o dono da empresa disse que já havia tido um empregado índio e gostou muito do serviço dele", observou.

Edmundo continua trabalhando de vigia para uma empresa privada e acha que o sonho de ingressar numa faculdade para cursar enfermagem ou medicina não será concretizado. Entretanto, está fazendo um curso técnico de enfermagem e estagiando no Pronto Socorro Municipal. Depois de concluí-lo pretende retomar à reserva com a mulher e o filho.

Nacidade, conforme Edmundo, a violência é sua constante preocupação. A saudade das caçadas, pesca e dos banhos de rio é grande. Quando tem folga no trabalho, Edmundo costuma ir para a reserva com a mulher e o filho. Entretanto, o acesso por terra é difícil, pode demorar dois ou três dias só no percurso sobre o rio São Lourenço, dependendo do tipo de em-



O bororo Edmundo Iwodo Mugureu cresceu ouvindo histórias sobre o ouro de Cuiabá

barcação utilizado. Mas um amigo americano que trabalha com a questão indígena no estado e se desloca para a reserva de avião costuma lhe dar carona.

Sobre as terras cuiabanas, Edmundo costumava ouvir histórias de seu avô paterno, que morreu aos 86 anos de idade. "Ele contava que o que hoje é o município de Cuiabá era tudo terra do nosso povo. E que tinha tanto ouro que usavam como enfeite de casa", recorda.

Pode-se dizer que Edmundo vive bem, pelo menos no que diz respeito à infra-estrutura, apesar de estar distante da reserva onde nasceu. Mora em uma casa popular financiada pelo Sistema Financeiro de Habitação através da Caixa Econômica, que ele e a mulher Luiza conseguiram ampliar. Hoje contam com telefone, tv à cores, vídeo cassete e outros eletrodomésticos que jamais teria. Mas nada disso diminui sua vontade de retomar o mais breve possível para

a reserva

Nada do que adquiriram aqui querem levar ou vender. Edmundo se preocupa em garantir condições para que daqui alguns anos seu filho retorne à cidade para estudar. Com frequência Edmundo hospeda índios de sua reserva, principalmente parentes. Sua mãe Júlia Vainok está morando provisoriamente aqui mas não consegue pronunciar uma só palavra em português. E seu filho, Jorge, já fala fluentemente na língua Bororo.

Il. Silveira/DC



O bororo Cecílio Porineu Aijako chegou a fazer Enfermagem na UFMT

Bororo chegou à universidade

Da reportagem

O bororo Cecílio Porineu Aijako, 32, chegou a ingressar na universidade. Cursava o quarto semestre de Enfermagem na UFMT quando decidiu trancar o curso por se sentir discriminado. Agora está fazendo um curso de especialização em saúde pública. Sua intenção é concluí-lo e depois voltar para a reserva Perigari, onde nasceu.

Formado em magistério (2º grau), Cecílio pretende trabalhar com seu povo na área de saúde, que hoje é a mais carente. "O que mais quero é trabalhar para melhorar as condições de vida nas reservas, assim ninguém precisará sair de lá", assinalou.

Cecílio deixou a reserva aos 10 anos porque seria adotado por uma família carioca. Aos 8 anos, contou, já queria vir estudar numa escola da cidade. Os cariocas demoraram e ele foi para Dourados (MS), com outra família, onde ficou até concluir o curso de magistério. Retornando à Cuiabá, prestou vestibular e passou para Enfermagem.

Hoje Cecílio mora em uma república no bairro Pico do Amor, trabalha como auxiliar de enfermagem em uma chácara da Funai, localizada na área urbana da cidade onde os índios vindos das aldeias são assistidos.

UFMT descobre descendentes

Da reportagem

Há pouco tempo Orelina da Silva Mateus, 39, que trabalha como passadeira, descobriu que é descendente de índios Bororos. Ela nasceu em uma fazenda na região de São Vicente e herdou, pelo o resgate que fez da história de sua família com a ajuda da professora do Instituto de Ciências Sociais e Humanas da UFMT, Maria de Fátima Roberto Machado, que sua avó materna seria neta de Bororos.

Apesar do parentesco distante, Orelina gostou da descoberta. Nos primeiros anos de vida, Orelina recorda vagamente de ter morado por algum tempo em casa de palha, como se fosse uma aldeia.

A mãe de Orelina, bastante doente, não tem capacidade de confirmar a origem indígena da filha, e o pai já faleceu. A partir de agora, confessou Orelina, pretende pesquisar mais sobre sua família e, principalmente, conversar sobre essa descoberta com sua avó, que hoje tem quase 100 anos e mora em Minas.

Fátima Machado acha que a família de Orelina nunca revelou sua origem indígena por causa de preconceito que se tem sobre o índio. Até o sobrenome indígena foi expurgado, possivelmente para se tentar viver no estilo que predomina.